

## OS ACORDOS DA INDÚSTRIA FARMACEUTICA BRASILEIRA

Cristiano Zandoná

[cristianozandoná4@hotmail.com.br](mailto:cristianozandoná4@hotmail.com.br)

Acadêmico do Curso Ciências econômicas /Unicentro

Vanderlei Borges da Silva

[vandoborgesantos@gmail.com.br](mailto:vandoborgesantos@gmail.com.br)

Acadêmico do Curso Ciências econômicas /Unicentro

Dra. Josélia E. Teixeira

[joseliat@hotmail.com.br](mailto:joseliat@hotmail.com.br)

Professor do Curso Ciências econômicas /Unicentro

**Resumo:** Mesmo com grande crescimento da indústria farmacêutica, o setor é deficitário, suas importações sempre maiores que as exportações. Para que o setor tenha maior nível de competitividade, o trabalho aborda uma revisão do setor farmacêutico, apresentando a indústria em seu contexto mundial, e assim o objetivo é analisar quais são os fatores que influenciam na competitividade no mercado internacional da indústria farmacêutica brasileira. O artigo tem como objetivos específicos: apresentar quais e como são as negociações do Brasil no setor farmacêutico; quais órgãos brasileiros regulamentam a importação e exportação de medicamentos, e quais as tarifas e barreiras do setor. O setor farmacêutico vem crescendo internamente, mesmo durante a crise financeira vivida no Brasil. Nos últimos anos o setor aumentou o numero de funcionários em 20%. Entretanto, mesmo com resultados cada vez melhor no mercado interno, quando se trata do comércio exterior, observou-se a necessidade de subsídio nos insumos, para que os custos de produção medicinal fiquem mais baratos. Incentivando, a indústria local a importar menos. Além disso, tendo subsídios nos insumos à indústria poderá ter preços competitivos no mercado mundial.

**Palavras-chave:** Comércio internacional; Indústria de farmacêutica; Medicamentos; ANVISA; Competitividade.

**Área de submissão do artigo: 2. Economia Internacional**

### 1. Introdução

Em 2014, a indústria farmacêutica brasileira chegou a US\$ 29,4 bilhões em valor de mercado, tendo expectativa de chegar a US\$47,9 bilhões em 2020. Segundo a agência de consultoria Global Data, em 2016, o Brasil ocupava a sexta colocação dos maiores mercados de remédios do mundo, podendo fechar 2017 em quarto lugar. Mesmo com a crise financeira no Brasil, o mercado de medicamentos brasileiros não tem recessão a quinze anos. Esses bons índices se devem a decisões governamentais, como a lei 9.279/96, a chamada lei de patentes, a qual protege o monopólio de exploração de medicamentos no país (EXAME, 2017).

Apresentada à justificativa e a importância do tema, este artigo tem como objetivo analisar quais são os fatores que influenciam na competitividade no mercado internacional da indústria farmacêutica brasileira.

Além de procurar responder a pergunta, o artigo tem como objetivos específicos: apresentar quais e como são as negociações do Brasil no setor farmacêutico; quais órgãos brasileiros regulamentam a importação e exportação de medicamentos, e por fim, quais as tarifas e barreiras do setor.

A introdução ao tema deste trabalho aborda uma breve revisão do setor farmacêutico no mundo e, principalmente, no Brasil, refletindo como o contexto histórico, econômico como é o desempenho do Brasil no que diz respeito ao comércio e produção de medicamentos com o restante do mundo, permitindo um maior entendimento das negociações bilaterais brasileiras no setor. Na primeira seção é mostrada uma revisão teórica do setor farmacêutico brasileiro, como é feita a regulamentação do setor, as leis de propriedade industrial, e as vias comerciais exteriores. Na segunda seção, é apresentado um quadro geral do setor farmacêutico mundial e brasileiro, ressaltando os principais importadores e exportadores do setor para o Brasil. Nesta seção, o principal aspecto a ser discutido é quais os órgãos regulamentadores brasileiros para importação e exportação de medicamentos, e quais as barreiras tarifárias existentes para exportação. Neste contexto, nas próximas seções são apresentados os objetivos deste trabalho, as questões de pesquisa, as principais contribuições para o conhecimento e a estrutura deste artigo.

## 2. Revisão Teórica.

### 2.1 Mercado farmacêutico e comércio de importação e exportação brasileira

A indústria de medicamentos no Brasil nasceu e se desenvolveu no período entre 1890 e 1950, após o desenvolvimento nos países europeus, que já se desenvolvia com grandes avanços no seguimento, já no século XIX. Segundo Ribeiro (2000, p.607), o início do desenvolvimento da indústria farmacêutica no Brasil, “guarda forte relação com a instituição da saúde pública, das práticas sanitárias de prevenção e combate às doenças infecciosas e, em especial, com as instituições de pesquisa básica e aplicada”.

A regulamentação do setor farmacêutico no Brasil foi uma das razões que causaram impacto na indústria nacional e na estratégia das empresas. Em 1996 foi criada a lei que determina os direitos e obrigações relativos à propriedade industrial (Lei nº 9.279/96), fez com que as empresas farmacêuticas nacionais mudassem de estratégia, já que estavam impedidas de copiar os produtos vindos dos estrangeiros. Foi o que fez os laboratórios saírem de sua zona de conforto, sendo assim, um marco para a indústria farmacêutica local (CANTALICE, 2009; HASENCLEVER et al., 2010; SANTOS & PINHO, 2012).

Pode-se chamar de importação toda operação que oferece a entrada de mercadorias em um território alfandegário, depois de cumpridas as exigências legais e comerciais, gerando uma saída de divisas. Esse conceito pode ser variável, existindo as importações sem cobertura cambial, como por exemplo, as doações, amostras, testes etc (ASSUMPCÃO, 2007).

A chamada importação direta, acontece quando a compra é feita direta da fábrica, ou seja, sem intermediários, podendo ser feita através de empresas qualificadas para fazer importação servindo como agentes de compras. Já a importação indireta, é aquela compra onde o fabricante e o vendedor são distintos, isto é, a compra acontece através de terceiros (KEEDI, 2012).

A importação é dividida em duas formas, a definitiva e a temporária. A definitiva é uma compra que acontece normalmente, e a mercadoria circula dentro do país importador de forma legalizada, se a mercadoria sair novamente do país, será realizada uma operação de exportação, como qualquer produto produzido dentro do país. Já a temporária, é aquela

que ficará no país por um período e depois retorna ao país de origem no final da atividade como, por exemplo, competições, feiras e exposições (KEEDI, 2012).

O comércio exterior brasileiro cresceu 339% de 1990 a 2008, isso resulta em uma taxa média de 9,3% ao ano. Porém, mesmo tendo um crescimento acentuado de ano após ano, tanto as exportação quanto importação, que chegou à porcentagem de 287% e 418% respectivamente, este crescimento não foi conjunto e nem constante, tiveram grandes oscilações ao longo da história. Durante 2002 a 2008 as exportações e importações, tiveram fato inédito crescendo de ritmos similares. As exportações apresentaram crescimento de 228%, enquanto as importações mostraram crescimento de 266%, possibilitando recordes anuais seguidos nas duas operações (LOPEZ; GAMA, 2013).

A presença do comércio exterior do Brasil sobre o PIB – Produto Interno Bruto aumentou substancialmente desde 1990, saindo de 11,1% para 23,6% em 2008, resultando em 113% de incremento. Porém, mesmo tendo essa evolução, o Brasil permanece na lista dos países com comércio menos aberto no mundo, tendo prejuízos como a maior instabilidade cambial e falta de competitividade (LOPEZ; GAMA, 2013).

### 3. Materiais e métodos

De acordo com Gil (2002) a pesquisa bibliográfica é embasada a partir de material já publicado, constituído principalmente por artigos periódicos, livros e também através de material de internet. O estudo bibliográfico foi baseado nos seguintes temas: o comércio exterior brasileiro da indústria farmacêutica, importações, exportações, foram utilizados pesquisas em sites como ANVISA, MDIC, SECEX e ABÍQUIFI.

Ainda segundo Gil (2002), o estudo de caso consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados.

Os dados foram coletados através de pesquisa de dados em artigos, livros e sites buscando entender como são os acordos comerciais da indústria farmacêutica brasileira com outros países, além de verificar o órgão que regulamentam a exportação de medicamentos.

### 4. Análise e Discussão

#### 4.1 ANVISA – NORMAS E REGRAS PARA EXPORTAÇÃO DE MEDICAMENTOS.

Todo e qualquer medicamento ou insumo farmacêutico comercializado nacionalmente ou internacionalmente deve se ter por normas algumas condições contidas na LEI NO 6.360, DE 23 DE SETEMBRO DE 1976. Essa lei “Dispõe sobre a vigilância sanitária a que ficam sujeitos os medicamentos, as drogas, os insumos farmacêuticos e correlatos, cosméticos, saneantes e outros produtos, e dá outras providências” (ANVISA, 2017).

Como objeto de estudo apenas será esplanada as normativas para que se ocorram as exportações. Para que um medicamento possa ser exportado, primeiramente ele deve ter uma autorização de exportação. Esta autorização é concedida pela ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) mediante a regulamentação técnica que constem em uma das listas § 'A1 e A2' (entorpecentes), § 'A1, B1 e B2' (psicotrópicos), § 'C3' (imunossupressores) e § 'D1' (precursores), bem como os medicamentos que as contenham (ANVISA 2017).

Além desta autorização para que qualquer insumo farmacêutico ou medicamento possa ser exportado, ele deve ter o Registro de Exportação (RE). Esse documento, segundo a ANVISA (2017), “é o registro exigido para mercadorias e cargas sujeito a efetivação do

Sistema de Informações do Banco Central - SISBACEN (site externo), viabilizada mediante solicitação de prévio registro de exportação.”

É ressaltado também que a empresa exportadora deverá aguardar a devida efetivação automática pela área competente dos órgãos anuentes, conforme a classificação da Nomenclatura Comum do MERCOSUL - NCM. (ANVISA, 2017).

Além da autorização e registro, existe o certificado de não objeção, este certificado é expedido pela ANVISA quando a importação ou exportação de determinado medicamento não está sob controle especial no país. (ANVISA 2017).

#### 4.2 AS NEGOCIAÇÕES COMERCIAIS DE MEDICAMENTOS DO BRASIL

O Brasil saiu da 65ª para a 61ª posições no ranking mundial das exportações de produtos farmacêuticos entre 2004 e 2014, em termos de participação dos medicamentos na pauta de vendas externas de um país. Com índice de 0,66%, entretanto, o Brasil ainda está aquém da média mundial para esse mercado, de 2,8%, segundo levantamento da Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa (INTERFARMA, 2016).

O comércio farmacêutico brasileiro vem tendo resultados positivos no decorrer dos últimos anos, contudo, mesmo com esses resultados, o mercado ainda é deficitário, importando mais do que exportando. A relação exportação e importação do Brasil de insumos são constantemente deficitárias, uma vez que o setor necessita de insumos inexistentes no país, além de concorrer com mercados exteriores com valores mais baixos que os praticados nacionalmente. Atualmente, o objetivo é ter uma redução nesse déficit. Fato ocorrido em 2015 quando as exportações caíram de US\$ 674 milhões em 2014 para US\$ 621 milhões em 2015 (-7,9%). Deste mesmo modo, as importações caíram de US\$ 2.822 milhões para US\$ 2.502 milhões (-11,4%), reduzindo o déficit de US\$ 2.208 milhões para US\$ 1.881 milhões (-14,8%), gerando uma economia de US\$327 milhões (ABIQUIFI, 2017).

Em 2016, de acordo com o gráfico 01, o setor farmacêutico registrou nova redução do déficit, entretanto, em menor redução do que o apresentado em 2015. Vale destacar que essa redução foi garantida em grande parte por uma alta nos valores acumulados pelas exportações. O valor agregado das exportações subiram 7,4% em 2016 comparado a 2015. De US\$621 milhões foi para US\$667 milhões, a queda nas importações foram de US\$ 2.502 milhões para US\$ 2.462 milhões (- 2,6%), reduzindo o déficit de US\$ 1.881 milhões para US\$ 1.795 milhões (-4,6%), representando uma economia de US\$ 86 milhões (ABIQUIFI, 2017).

**Gráfico 01 – Exportações Brasileiras de insumos farmacêuticos – US\$ FOB Milhões –Anos de 2006 a 2016.**



Fonte: ABIQUIFI (2017).

No gráfico 02, é apresentada a evolução das importações de insumos farmacêuticos, que eram US\$ 1.556 milhões em 2006 e em 2016 saltou para US\$ 2.462 milhões.

**Gráfico 02 – Importações Brasileiras de insumos farmacêuticos – US\$ FOB Milhões - Anos de 2006 a 2016.**



Fonte: ABIQUIFI (2017).

Se tratando de exportação e importação brasileira de medicamentos, o Brasil ainda tem grande necessidade de importar. Observa-se uma queda no déficit em 2015, todavia, já em 2016, os números voltaram a crescer.

Em 2015 foi registrada uma queda considerável nas exportações, de US\$ 1.308 milhões em 2014, diminuiu para US\$ 1.078 milhões em 2015, resultando numa queda de 17,6% como é observado no gráfico 03. O lado positivo, foi que as importações também tiveram redução de US\$ 6.840 milhões, passou para US\$ 5.913 milhões, uma redução de 13,6% no déficit. Retirando a diferença da balança comercial, o déficit passou de US\$ de US\$ 5.532 milhões para US\$ 4.835 milhões (-12,6%), resultando em US\$ 697 milhões de economia no desembolso.

Já em 2016, as exportações tiveram queda de US\$ 1.078 milhões em 2015, para US\$ 952 milhões, representando uma queda de 11,7%. As importações tiveram um leve aumento no déficit de US\$ 5.913 milhões para US\$ 5.956 milhões, aumento de 0,7%. Na diferença do déficit, foi de US\$ 4.835 milhões em 2015 para US\$ 5.004 milhões em 2016, acréscimo de 3,5% de desembolso econômico, ou US\$ 169 milhões em relação a 2015 (ABIQUIFI 2017).

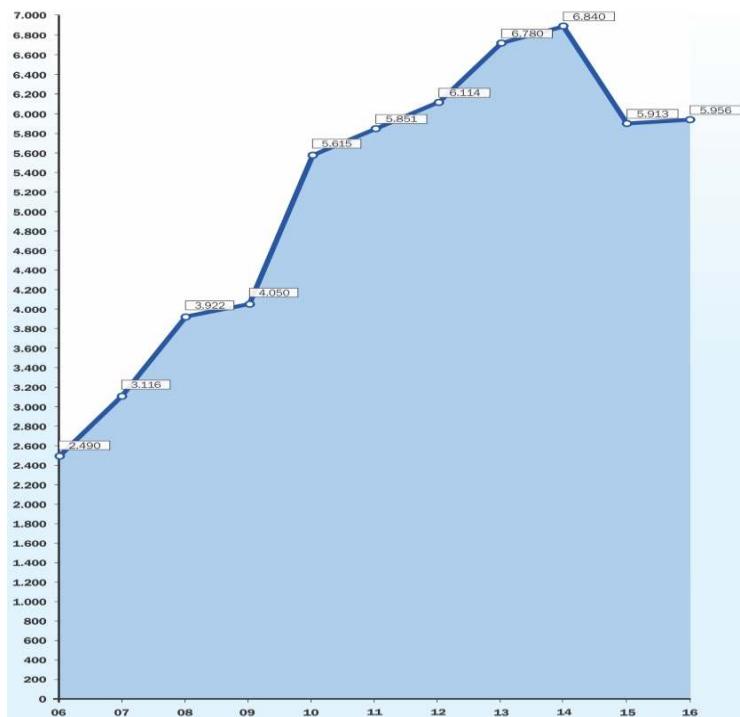
**Gráfico 03 – Exportações Brasileiras de medicamentos farmacêuticos – US\$ FOB Milhões - Anos de 2006 a 2016.**



Fonte: ABIQUIFI (2017).

Durante os últimos 10 anos, a importação de medicamentos no Brasil vem se elevando chegando a um aumento de cerca de 240% comparado 2006 a 2016. No gráfico 04 é apresentado os números em US\$ milhões dos anos de 2006 ate 2016.

**Gráfico 04 – Importações Brasileiras de medicamentos farmacêuticos – US\$ FOB Milhões – Anos de 2006 a 2016.**

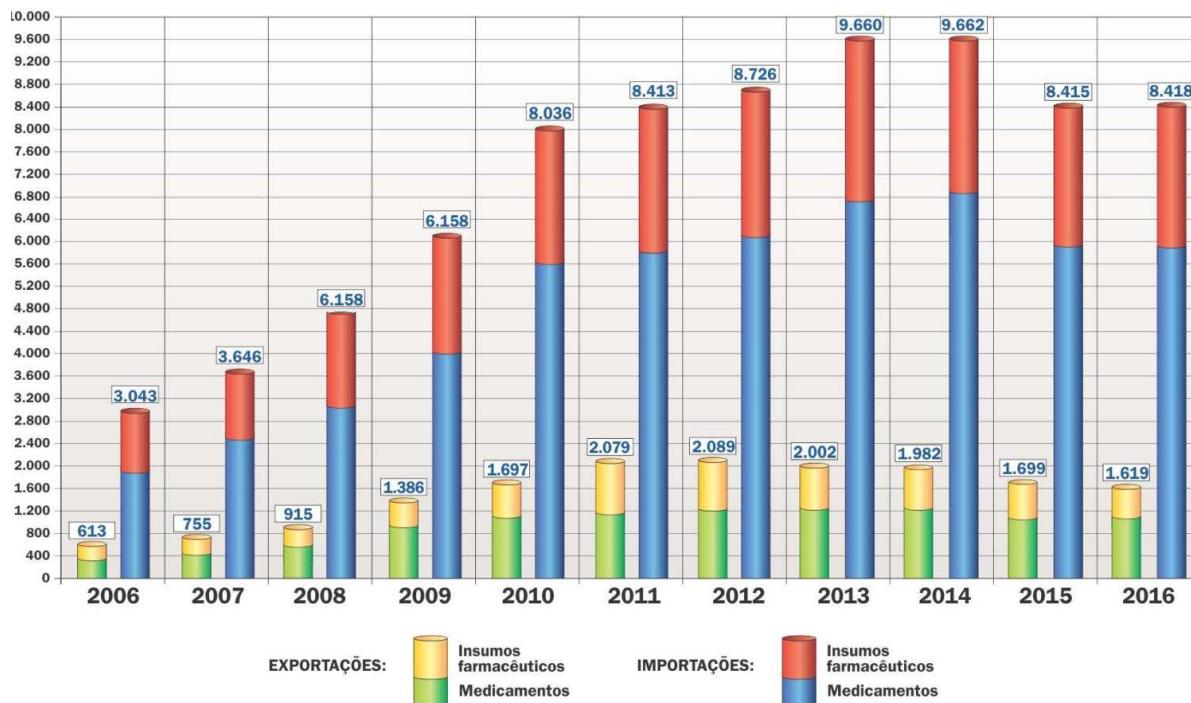


Fonte: ABIQUIFI (2017).

Somando junto às exportações de insumos e medicamentos do Brasil foi de US\$1.620 milhões em 2016, número inferior a 2015, que era de US\$ 1.699 milhões, ou seja, apresentou uma queda de 4,6%.

Pelo lado das importações conjuntas (insumos mais medicamentos) teve a soma de US\$ 8.418 milhões em 2016, comparado a 2015, foi um pequeno aumento, visto que as importações fecharam em US\$ 8.415 milhões.

**Gráfico 05 – Cadeia produtiva farmacêutica – Importações e Exportações – US\$ FOB  
Milhões –Anos de 2006 a 2016.**



Fonte: ABIQUIFI (2017).

Observando a tabela 1, a exportação do setor farmacêutico até julho de 2017 alcançou 61% do total das exportações do ano de 2016. O que mais contribuiu para os índices até agora foram os Farmoquímicos, que representam 80% das exportações, sendo assim, 20% dos Adjuvantes Farmacotécnicos.

**TABELA 1 - DE EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES 2017**

**Tabela 01** – Importações e Exportações mês a mês – US\$ FOB Milhões –2017.

PRODUÇÃO LOCAL ESTIMADA			
Mês / Ano	F	AF	Total
<b>Total 2016</b>	<b>785,0</b>	<b>178,1</b>	<b>963,1</b>
Janeiro 2017	67,9	13,0	80,9
Até fevereiro 2017	123,0	26,1	149,1
Até março 2017	181,1	41,2	230,3
Até abril 2017	253,1	52,0	305,1
Até maio 2017	336,9	82,1	419,0
Até junho 2017	401,0	99,8	500,8
Até julho 2017	455,1	115,1	570,2
Até agosto 2017			
Até setembro 2017			
Até outubro 2017			
Até novembro 2017			
Até dezembro 2017			
<b>Total 2017</b>			

EXPORTAÇÕES			
Mês / Ano	F	AF	Total
<b>Total 2016</b>	<b>546,0</b>	<b>121,5</b>	<b>667,5</b>
Janeiro 2017	47,2	9,1	66,3
Até fevereiro 2017	85,3	18,6	103,9
Até março 2017	134,9	28,8	163,7
Até abril 2017	183,5	39,8	223,3
Até maio 2017	238,1	57,7	295,8
Até junho 2017	280,6	70,5	351,1
Até julho 2017	326,3	80,8	407,1
Até agosto 2017			
Até setembro 2017			
Até outubro 2017			
Até novembro 2017			
Até dezembro 2017			
<b>Total 2017</b>			

IMPORTAÇÕES			
Mês / Ano	F	AF	Total
<b>Total 2016</b>	<b>2.388,6</b>	<b>73,5</b>	<b>2.462,1</b>
Janeiro 2017	146,8	5,2	152,0
Até fevereiro 2017	312,1	10,7	322,9
Até março 2017	494,7	15,9	510,6
Até abril 2017	626,3	20,5	646,8
Até maio 2017	991,3	35,9	1.027,2
Até junho 2017	1.226,2	45,5	1.271,7
Até julho 2017	1.443,6	55,7	1.499,3
Até agosto 2017			
Até setembro 2017			
Até outubro 2017			
Até novembro 2017			
Até dezembro 2017			
<b>Total 2017</b>			

Fonte: SECEX, 2017.

## ÍNDICE DA TABELA:

Farmoquímicos (F) e Adjuvantes Farmacotécnicos (AF).

Do lado das importações, o Brasil já importou 61% do valor das importações do ano de 2016, isso até o mês de julho de 2017. Dessas importações, cerca de 97% foram de farmacoquímicos e apenas 3% de adjuvantes. Da diferença entre exportação e importação. O Brasil importou US\$1.117,3 milhões a mais do que vendeu de farmacoquímicos. E tem uma balança comercial favorável observando a diferença entre exportação e importação de Adjuvantes farmacotécnicos. Tendo como base os dados de janeiro a julho de 2017.

Se a indústria farmacêutica na exportação é deficitária, dentro do país o setor é forte superavitário. De acordo com a INTERFARMA, mesmo o país estando em recessão no ano de 2016, a indústria farmacêutica cresceu 13,1%, motivados pelos fatores de envelhecimento da população e o avanço dos medicamentos genéricos. Este crescimento equivale a um faturamento de cerca de R\$85 bilhões. Diferente de outros setores, o setor farmacêutico aumentou suas contratações em 20%. “Os genéricos têm impulsionado muito as vendas no setor. Assim como o desenvolvimento de novas moléculas”, afirma Francisco das Chagas Almeida, presidente da Associação Brasileira de Distribuição e Logística de Produtos Farmacêuticos (ABRADILAN, 2016).

## 5. Conclusões

O setor farmacêutico é um dos poucos setores que vem crescendo internamente, mesmo durante a crise financeira vivida no Brasil. Nos últimos anos o setor aumentou o numero de funcionários em 20%. A indústria farmacêutica brasileira tem como estimativa se tornar a quarta ou a quinta maior do mundo já em 2017. Entretanto, mesmo com resultados cada vez melhor no comércio interior. Mesmo com grande crescimento, o setor ainda é deficitário, sendo suas importações sempre maiores que as exportações. Isso em grande



parte se da pela falta de insumos primários para a elaboração de remédios. Além disso, o mercado farmacêutico é oligopolizado, tornando a pesquisa ainda mais difícil. Aliado a isso, o setor no Brasil e os órgãos que regulamentam os medicamentos são atrasados, fornecendo medicamentos já proibidos em outros lugares.

Para que o setor tenha maior nível de competitividade, é necessário um subsídio nos insumos, para que assim os custos de produção medicinal fiquem mais baratos. Incentivando, desta forma, a indústria local a importar menos. Além disso, tendo subsídios nos insumos, à indústria poderá ter preços mais competitivos no mercado mundial.

## Referências

ABIQUIFI - **Associação Brasileira da Indústria Farmoquímica** – Disponível em <<http://abiquifi.org.br>>. Acesso em: 30 de ago. 2017.

ANVISA - **Agência Nacional de Vigilância Sanitária** – Disponível em: <<http://portal.anvisa.gov.br>>. Acesso em: 29 de ago. 2017.

ASSUNPÇÃO, Rossandra Mara. **Exportação e Importação – Conceitos e Procedimentos Básicos**. 1. Ed. São Paulo: Ibpex, 2007.

BUZZO, Everton Jose: **Fundamentos do comércio exterior** – Editora Universidade Estácio de Sá 2014.

CANTALICE, O. (Coord.). Indústria Farmacêutica – Tendência, Mercado e Perfis de Empresas. **Valor Econômico - Valor Análise Setorial**, 2009.

FURTADO, J. As relações tecnológicas do Brasil com o mundo exterior: passado, presente e perspectivas. **Rev. USP**, São Paulo, n.89, p. 218-233, mar./maio, 2011.

FRANÇOSO, M. S. **A Indústria Farmacêutica nos países emergentes: um estudo comparativo sobre a trajetória de desenvolvimento do setor na Índia e no Brasil**. Monografia Ciências Econômicas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filhos (UNESP), campus Araraquara 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HASENCLEVER, L.; FIALHO, B.; KLEIN, H.; ZAIRE, C. **Economia Industrial de Empresas Farmacêuticas**. Rio de Janeiro: E-papers, 194p. 2010

INTERFARMA – **Associação da indústria farmacêutica de pesquisa** – Disponivel em: <<https://www.interfarma.org.br>>. Acesso em: 29 de ago. 2017

KEEDI, Samir. **ABC do Comércio Exterior**. 4. Ed. São Paulo: Aduaneiras, 2012.

LOPES, José M. C.; GAMA, Marilza. **Comércio exterior competitivo**. 4. Ed. São Paulo: Aduaneiras, 2013.

RADAELLI V. **A Nova Conformação Setorial da Indústria Farmacêutica Mundial: redesenho nas pesquisas e ingresso de novos atores**. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de inovação, 2008.



RÊGO E. C. L. Políticas de regulação do mercado de medicamentos: a experiência internacional. **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 367-400, dez. 2000.

**REVISTA EXAME. Você S/A** – Ed. 217 – Agosto 2016 – Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/carreira/apesar-da-crise-industria-farmaceutica-aumentou-em-20-as-contratacoes-e-continua-crescendo/>>. Acesso em: 25 de ago. 2017.

RIBEIRO, M. A. R., Saúde Pública e as Empresas Químico-Farmacêuticas. **História, ciência e saúde**, Manguinhos, v. 7, n.3, p. 607-623, nov. 2000/fev. 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s010459702001000600003&ng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s010459702001000600003&ng=en&nrm=iso)> Acesso em 29 ago. 2017.

SANTOS, M.C.B.G.; PINHO, M. Estratégias tecnológicas em transformação: um estudo da indústria farmacêutica brasileira. **Gest. Prod.**, São Carlos, v. 19, n. 2, p. 405-418, 2012.

URIAS, E. A indústria farmacêutica brasileira: **um processo de coevolução de instituições, organizações industriais, ciência e tecnologia**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas, 104p. 2009.